

CRÔNICA DE AUTOAJUDA PARA MULHERES: BREVE ANÁLISE SISTÊMICO-FUNCIONAL.

Elisa Tavares PIRES ¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

elisatavares@ymail.com

RESUMO: A motivação inicial deste artigo foi o interesse pelo desenvolvimento de estratégias mais eficazes de ensino de produção textual na escola básica. Além disso, motivou-nos também a percepção de que um grande número de alunas leem, hoje, crônicas voltadas para o público feminino, tendo seu discurso altamente influenciado pelo conteúdo ideológico-comportamental por elas veiculado – o que acaba se refletindo nos textos que escrevem nas aulas de redação. Esse fato chamou nossa atenção, o que nos levou a perceber, também, a vendagem em massa de livros de autoajuda femininos. Percebemos que, ao examinarmos as escolhas gramaticais de um texto de autoajuda, poderíamos trazer à tona algumas crenças e alguns valores, subjacentes à mensagem e, digamos, invisíveis para quem aceita esse tipo de discurso como algo natural. Analisaremos então - tendo como suporte teórico a Linguística Sistêmico-Funcional proposta por Halliday - uma crônica, com características presentes nos livros de autoajuda, voltada para o público feminino, retirada de uma coletânea em cujos textos se vê um grande quantitativo de estratégias argumentativas (algumas clichês) para o convencimento do leitor, estratégias essas apoiadas nas escolhas gramaticais dos seus autores, cujo objetivo claro é a produção de determinados sentidos.

Palavras-chave: Argumentação; Autoajuda; Produção de texto.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Koch (1984, p.19) “o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia”. A neutralidade não existe de fato, pois mesmo aquele discurso que se pretende neutro já possui a sua ideologia.

Dessa forma, a atividade de interpretação se funda na suposição de que todo aquele que fala tem uma intenção e consiste tal atividade, justamente, na captação dessas intenções. Assim, a compreensão de um texto não é simplesmente um processo de decodificação de frases: trata-se de passar de uma sucessividade de enunciados a um todo de sentido, coesivo e coerente, inserido em uma situação de comunicação específica.

Para a Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF), a língua se organiza em torno de duas possibilidades: o sintagma e o paradigma. Isso que dizer que devemos considerar que cada escolha, mesmo inconsciente, produz significados. Por isso, para a LSF, a gramática tem sua origem no discurso, aqui tomado como conjunto de estratégias criativas empregas pelo falante para organizar funcionalmente seu texto para um determinado ouvinte em uma determinada situação de comunicação. (CUNHA e SOUZA, 2007, p.18).

¹ Especialista em Língua Portuguesa, formada pela UERJ. Mestranda em Língua Portuguesa, sob a orientação da professora doutora Vania Dutra - (UERJ). Membro do Grupo de Pesquisa SELEPROT.

Pensando dessa maneira, formamos nosso corpus a partir de uma crônica retirada de um livro voltado para o público feminino por entendermos que esse exemplar muito continha características que também figuravam em textos pertencentes ao que chamamos de autoajuda. Tendo começado nas revistas femininas e cadernos de serviços de jornais, nas páginas dedicadas às mulheres, e sendo pautados na informação de que as mulheres são mais preocupadas com relacionamentos do que os homens, tais livros viraram o segmento editorial de maior sucesso no país atualmente.

De acordo Alonso, o surgimento da autoajuda está intrinsecamente ligado à subjetividade presente na sociedade,

embora esta seja consumista e individualista, e responde dialogicamente a tal “estímulo”, inserindo-se/atuando em um contexto construído que cria a crença de que o indivíduo pode fazer tudo por si mesmo e pode comprar qualquer coisa (se tiver poder para isso), inclusive a solução para seus problemas. (ALONSO, 2010, p.4)

Ao lermos alguns textos de autoajuda, notamos que existem enunciados que em muito se aproximam dos provérbios, apresentando as mesmas características. A maior virtude do provérbio, do ponto de vista da argumentação, é que, se empregado no contexto adequado, é um enunciado irrefutável, pois ele constitui uma ideia estabelecida pelo senso comum, admitida de longa data como verdadeira e, assim, preexistente à argumentação do locutor particular que o emprega numa situação específica (ROCHA, 1995).

Para que o provérbio não perca sua ideia de verdade absoluta e seu caráter de citação de autoridade, é preciso ser reconhecido e compartilhado por seus interlocutores, que devem ser capazes de desvendar os implícitos para revelar seu sentido. Percebe-se, nesses casos, que o autor desse tipo de texto trabalha com essas verdades pré-estabelecidas e as utiliza para convencer o público-alvo, sem dar espaço para discussões acerca do tema, na medida em que se apoia em princípios anteriormente admitidos, consagrados pela comunidade linguística.

Não há intenção de julgar aqui a autoajuda, se é “boa ou ruim”, se as pessoas a leem por prazer, por crença, ou por necessidade. Não queremos discutir a eficácia ou o resultado desse tipo de leitura na vida dos indivíduos. O que nos interessa é o texto e como sua construção, com base muitas vezes em frases e argumentos clichês pertencentes ao senso comum, funciona persuadindo, influenciando uma grande massa de leitores. Em outras palavras, queremos iniciar um trabalho que, mesmo breve, possa contribuir para a reflexão e o debate não apenas sobre as estratégias argumentativas de textos de autoajuda, mas também sobre o ensino da argumentação nas escolas, com base na Linguística Sistêmico Funcional, a partir de outro tipo de texto que não os argumentativos chamados “escolares”, que são explorados tendo em vista o modelo exigido nos vestibulares pelo Brasil.

Nossa preocupação surgiu do fato de que a autoajuda, principalmente a feminina, têm um grande público cativo, apesar de ter muitos argumentos baseados apenas no senso comum e em clichês. Analisar um texto de autoajuda pelos vieses da Linguística Sistêmico-Funcional e da argumentação é fundamental não apenas para que o aluno perceba as nuances do texto, mas também para que ele entenda como as ideias devem ser organizadas com vistas a convencer o leitor, transmitindo um determinado ponto de vista, e como tais ideias podem-se configurar como clichês e como argumentos pautados no senso comum, e mesmo assim persuadirem um grande número de leitores. Isso fará com que ele perceba que, independentemente do assunto que se está abordando, um texto é fruto das escolhas do falante (Halliday, 1976), e que uma estrutura argumentativa possibilita a veiculação dessa ideologia por meio de uma mensagem composta de forma eficientemente clara, mesmo utilizando argumentos pouco originais.

Escolheremos uma crônica de autoajuda voltada para o público feminino para ser nosso corpus e a analisaremos utilizando as três metafunções propostas por Halliday (1976), a saber: metafunção ideacional, a qual entende servir a linguagem para a manifestação da

“experiência que o falante tem do mundo real, inclusive do mundo interior de sua própria consciência” (p.136); metafunção interpessoal, a qual trabalha a linguagem como aquilo que “serve para estabelecer e manter relações sociais” (p.136); e metafunção textual, a qual entende a linguagem como o que possibilita “o estabelecimento de vínculos com ela própria e com as características da situação em que é usada” (p.137).

2. QUADRO TEÓRICO

Apesar de a autoajuda não ter sido ainda definida ou delimitada em termos de gênero, verificamos a tentativa de várias áreas científicas de abordar seu funcionamento, pois sua presença é notável nas sociedades contemporâneas e inerente a elas. A autoajuda está disponível em diversos formatos, sendo propagada pelos elementos midiáticos, como palestras motivacionais, sítios eletrônicos, programas televisivos, crônicas em jornais e, principalmente, por livros.

Percebemos que, ao examinarmos as escolhas gramaticais de um texto de autoajuda, poderíamos trazer à tona algumas crenças e alguns valores codificados na língua, subjacentes à mensagem e, digamos, invisíveis para quem aceita esse tipo de discurso como algo natural.

Para a análise do corpus, tomamos como base a Linguística Sistêmico Funcional proposta por Halliday. A linguagem, para Halliday (2004), é um recurso para a produção de significados. Assim, “quando vamos analisar textos, revelamos a organização funcional dos termos que o compõem, ou seja, sua estrutura.” (LIMA 2009, p.49).

A abordagem sistêmico-funcional provê a descrição detalhada das funções e estruturas dos textos e relaciona as variáveis do contexto de situação à organização gramatical e semântica da linguagem para fornecer explicações funcionais sobre a dimensão contextual dos textos. No caso dos textos de autoajuda, fica evidente que, além das informações explicitamente enunciadas, existem outras que ficam subtendidas ou pressupostas, cabendo ao leitor descobrir as intenções do locutor. Parte disso se deve ao fato de que sua estrutura argumentativa em muito se assemelha à estrutura dos provérbios populares, principalmente por seu caráter binário (“faça X e ganhe Y”).

Por objetivar a apreensão de como a configuração linguística é construída em um gênero em particular, as relações entre uma abordagem funcionalista da língua e gêneros textuais se mostram bastante produtivas para os estudos da linguagem.

Para interagir socialmente, os usuários de uma língua fazem uso desse objeto uma vez que a troca no meio social se dá essencialmente via linguagem verbal. De acordo com Halliday, “como normalmente todo ato de fala serve a cada uma das funções básicas da linguagem, o falante seleciona simultaneamente entre todos os tipos de opções.” (HALLIDAY 1976, p.138).

Ainda de acordo com o autor, fatores externos afetam as escolhas linguísticas do falante. Ao conjunto desses fatores chamamos de “contexto de situação”, que encontra-se inserido em um “contexto de cultura”, que seria “a soma de todos os significados possíveis de fazerem sentido em uma cultura particular.”(CUNHA e SOUZA, 2007, p.21). É a combinação dos dois contextos que faz com que um gênero seja diferente de outro.

Conforme Dutra,

Segundo Halliday (2004), uma característica fundamental da construção dos enunciados por meio língua é a noção de escolha. Cada enunciado produzido representa, simultaneamente, o resultado de escolhas feitas pelo falante no potencial de opções disponíveis na língua, para cada um dos três tipos de significado. (DUTRA 2007, p.4301).

Ainda citando a autora,

Como no modelo sistêmico-funcional os significados linguísticos são uma realização da lexicogramática, e a unidade central e básica da lexicogramática é a frase, pode-se dizer que as metafunções ideacional, interpessoal e textual do sistema semântico se manifestam simultaneamente na estrutura da frase, projetando-se uma sobre outra para produzir sentido.

Essas três dimensões (ideacional, interpessoal e textual) da estrutura semântica constroem a frase como representação – um processo da experiência humana –, como troca – uma negociação entre locutor e interlocutor – e como mensagem – uma determinada informação. (DUTRA 2007, p. 4301)

Utilizamos a língua para falar sobre a nossa experiência de mundo, para descrever eventos; para interagir com as outras pessoas, bem como para influenciar o seu comportamento, além de expressar nossos pontos de vista e também solicitar a outras pessoas que expressem seus pontos de vista. A LSF parte do princípio de que as possibilidades de escolha dos falantes no sistema linguístico (semântico, léxico-gramatical, fonológico e fonético) não são aleatórias; estão condicionadas ao contexto e são importantes na criação de diferentes significados. Teoriza sobre a língua como um processo social e como uma metodologia que permitem uma descrição detalhada e sistemática dos padrões linguísticos, procurando explicar como os significados são construídos nas interações cotidianas.

Para a LSF, a linguagem é um sistema sócio-semiótico, que veicula diferentes significados dependendo das intenções dos interlocutores, do lugar de que se fala, da situação de interação, do contexto onde se dá o evento discursivo, entre outros aspectos. Por isso, Halliday (1976) afirma que todo texto possui uma configuração contextual que permite aos interlocutores reconhecerem as condições em que o texto foi produzido (campo de interação), as relações que se estabelecem entre os interlocutores (as relações), e as estratégias linguísticas utilizadas na produção da linguagem (modo).

Portanto, ao analisarmos um texto, estamos mostrando a organização funcional de sua estrutura e as escolhas que foram feitas em relação ao que poderia ter sido escolhido.

Halliday (1976) também assinala a importância das chamadas Metafunções, que constituem a estrutura interna da língua. Trata-se da Metafunção Ideacional, da Metafunção Interpessoal e da Metafunção Textual. Cada uma dessas Metafunções possui um sistema que viabiliza a realização de seus significados. A Metafunção Ideacional é realizada pelo sistema da Transitividade; já a Metafunção Interpessoal ocorre via sistema Modo e a Metafunção Textual pode ser evidenciada pelo sistema Temático.

2.1 Metafunção Ideacional

Segundo Halliday, as línguas capacitam o ser humano a construir um quadro mental da realidade, para que ele entenda o que acontece ao seu redor e no seu interior. Ou seja, usamos a linguagem para “representar nossa experiência dos processos, pessoas, objetos (...) e relações existentes no nosso mundo exterior e interior” (HALLIDAY, 1976, p.139).

2.2 Metafunção Interpessoal

Quando nos comunicamos, diz Halliday (1976), a estrutura significativa da oração está organizada como mensagem e como um evento interativo, isto é, a comunicação é também um evento de interação entre o falante e o ouvinte. Sendo assim, usamos a língua para construir significados interpessoais: significados sobre nossas relações com outras pessoas e nossas atitudes em relação a elas.

2.3 Metafunção Textual

Utilizamos a função textual da linguagem para organizar os significados interpessoal e ideacional de forma coerente e linear, criando relevância para o contexto. Nela encontramos a

divisão Tema/Rema, sendo o Tema o ponto de partida da mensagem, orientando a sentença e o Rema, a parte onde o tema é desenvolvido.

De acordo com Loli,

Com base nessa função do Tema, Halliday e Matthiessen (2004) afirmam que a organização textual é a principal responsável pelo desenvolvimento da informação, e que através do exame dos padrões da organização textual, ao lado das funções interpessoal e experiencial, é possível entender como o autor se posiciona diante da informação e da representação que constrói. (LOLI 2008, p.28)

3. AUTOAJUDA

Conforme o dicionário eletrônico Antonio Houaiss da Língua Portuguesa, a palavra autoajuda é definida como “prática que consiste em fazer uso dos próprios recursos mentais e morais para alcançar objetivos de ordem prática ou resolver dificuldades de âmbito psicológico” e também como “conjunto de informações, orientações, conselhos que visam possibilitar essa prática”.

Segundo Loli,

empiricamente, compreende-se como autoajuda a literatura que trata da busca pela felicidade, tomada como o grande objetivo da vida humana. Além da felicidade, outros sentimentos e comportamentos considerados positivos são abordados como uma questão de disposição pessoal, de se sentir bem, de acreditar em si mesmo e se programar mentalmente para isso. Assim, as vontades do indivíduo são a única preocupação e ele deve fazer de tudo para atingir seus objetivos e conseqüentemente, ser feliz. (LOLI, 2008, p.7)

Ainda de acordo com a autora, “o termo autoajuda pode se referir a qualquer caso onde um indivíduo ou um grupo procura se aprimorar econômica, espiritual, intelectual ou emocionalmente.” (LOLI, 2008, p.8). A autoajuda poderia ser classificada, nesse sentido, como um conjunto de práticas articuladas textualmente, que parte do princípio de que todos os seres humanos possuem uma força interior capaz de solucionar quaisquer problemas, os quais, apesar de serem gerados por fatores sociais, são apresentados como se fossem de natureza pessoal.

A individualização criou um sentimento pleno de isolamento, de um viver para si, fazendo com que a sociedade se tornasse mais egocêntrica, em que cada um vive para si mesmo, colocando o conceito de indivíduo na dependência de um sistema terapêutico, pois todo esse processo causou na sociedade um esvaziamento das regras morais e da vida em comum e com essa confusão de valores, nos faltam mecanismos de coordenação social para julgar nossas ações e determinar o valor das coisas.

De acordo com Aguiar,

Nesse tipo de vida, em que o indivíduo, apesar da turbulência do cotidiano, tem que dar conta dele mesmo; e em que as transformações ocorrem desenfreadamente, sem dar avisos, cria-se uma atmosfera em que a qualquer momento fatos estarrecedores podem acontecer. Por isso o homem moderno deve estar preparado para adaptar-se às modificações que estão por vir. E é essa capacidade de adaptação que é a tônica da contemporaneidade para os pregadores da autoajuda. Assim, o homem vê-se forçado a se auto aperfeiçoar, intensificando suas habilidades e poderes. (AGUIAR, 2010, p.24)

Em linhas gerais, a autoajuda apresenta um conteúdo convincente, por meio do qual propõe dotar o seu leitor de objetos-valor, configurados como conhecimentos com finalidade prática. É, em essência, um texto argumentativo, já que, pela natureza dos fins a que serve,

tem como objetivo conseguir a adesão do enunciatário à tese do enunciador. A sua eficácia, conseqüentemente, depende da adoção, por parte do enunciador, de uma estratégia argumentativa adequada ao conteúdo selecionado e às características biopsicossociais do enunciatário.

A argumentação se desenvolve em função de um destinatário, que influencia direta ou indiretamente a forma como evoluem os argumentos propostos. Argumentamos para persuadir alguém que, a princípio, não partilha os mesmos pontos de vista ou as mesmas convicções que nós possuímos. Sem ferir a atenção do destinatário da argumentação, isto é, sem fazer com que o interlocutor tenha a sua atenção voltada para o assunto tratado, a persuasão jamais poderá ser efetiva.

A estrutura composicional dos textos de autoajuda é, como dissemos, essencialmente argumentativa, em que as formas de argumentação permitem inferir que são discursos da realidade – pragmáticos, de superação² e, de certa forma, garantidos por testemunhos de autoridade. É possível salientar a ênfase que é dada à complexidade da vida contemporânea, a partir da discussão de histórias comuns, em que se observa a expressividade de cada escritor. Tal estratégia – a discussão de histórias comuns – torna o texto de autoajuda um mosaico de frases já ditas por outrem, muitas vezes ditados populares parafraseados, e permite que um número maior de pessoas possam se identificar com o que estão lendo.

O uso da linguagem, então, será determinado pelo tipo de papel social que desempenhamos numa dada situação. De acordo com Eggins (2004), existem dois tipos de situações, formal e informal. Para ele, uma situação formal envolve pessoas que estejam no mesmo patamar hierárquico, ou seja, que tenham igual poder e estão envolvidos afetivamente. Já uma situação formal apresentaria níveis desiguais de poder, com baixo envolvimento afetivo.

Conforme Andrade & Taveira, “numa conversa de amigos, tendemos a utilizar palavras que expressam nossa atitude, como uma avaliação positiva ou negativa.” (ANDRADE & TAVEIRA 2009, p.51). Já em uma situação formal, tendemos a manter nossas atitudes para nós mesmos ou expressá-las em uma linguagem aparentemente objetiva. Ora, é interessante notar que os textos de autoajuda tendem a criar uma atmosfera de cumplicidade com o leitor, utilizando, por isso, a linguagem de uma maneira menos formal e muito mais próxima de seu público-alvo. Dessa maneira, os autores não se preocupam em não expressar o que pensam, ao contrário: utilizam a língua como maneira de se aproximar do leitor e fazer com que ele passe a concordar, sem discussões, com o que veiculam em seus textos.

4. A CRÔNICA DE AUTOAJUDA

Apesar de muitas pesquisas, ainda há muita discussão em torno da caracterização da crônica como um gênero textual. Segundo Oliveira,

A palavra “crônica” tem origem grega, vem de *chronos*, que sugere uma noção de tempo e memória e, portanto, mantém íntima relação com o passado. Ao relatar acontecimentos vividos, o cronista, que viveu o período anterior à História enquanto [sic] ciência, encarregava-se de narrar fatos sucedidos sem, no entanto, preocupar-se com a racionalidade dos cientistas que lhe sucederam. O cronista medieval, por exemplo, valia-se dos acontecimentos históricos e organizava-os seguindo uma linha cronológica. (OLIVEIRA, 2010, p.201)

² A partir de perspectivas da Nova Retórica de Perelman

A crônica firma-se como espaço heterogêneo em que convivem, por exemplo, o pequeno ensaio, o conto ou o poema em prosa. Sua identidade resulta também dessa diferença. De acordo com Paulo Eduardo de Freitas,

A caracterização da crônica como espaço heterogêneo pode ser vista, então, como decorrente da variedade de tipos em que pode ser escrita: poema-em-prosa, que apresenta conteúdo lírico; comentário, no qual se apreciam os acontecimentos, acumulando assuntos diferentes; crônica metafísica, que promove reflexões de conteúdo filosófico; crônica narrativa, que tem por eixo uma história ou episódio; crônica-informação, que divulga fatos, tecendo sobre eles comentários ligeiros. (FREITAS, 2005, p.176)

A partir do momento em que passou a circular em jornais, a crônica começou a ilustrar as incertezas, angústias e as inquietações do homem “num ambiente urbano que refletia os sintomas de uma sociedade capitalista, seduzida pelo consumo e pela fugacidade da vida moderna.” (OLIVEIRA, 2010, p. 201).

É importante salientar, contudo, que as crônicas não mais circulam exclusivamente nos jornais. Ao serem reunidas em livros, as crônicas perdem o caráter fugaz. Dessa forma, a relação autor/leitor também é modificada. Considera-se, então, a importância de tal processo em sua relação com a questão da leitura desse gênero literário. Trata-se do fato de que o advento de novas tecnologias facilita a interação com o leitor, que passa a integrar o processo de enunciação, dialogando diretamente com o autor e com os outros leitores.

Lembremo-nos aqui que as características iniciais da crônica se mantiveram ao longo dos anos, como seu caráter informal e subjetivo, tornando-a, portanto, um excelente meio para a propagação da autoajuda, visto que, para que o autor consiga ter a adesão de seu leitor, nesse tipo de texto, ele precisa criar uma atmosfera de cumplicidade, principalmente pela utilização de uma linguagem mais coloquial e acessível a uma gama maior de pessoas.

O coloquialismo, portanto, deixa de ser a transcrição exata de uma frase ouvida na rua, para ser a elaboração de um diálogo entre o cronista e o leitor, a partir do qual a aparência simplória ganha sua dimensão exata: a persuasão.

5. ANÁLISE

Analisaremos, brevemente, neste trabalho uma crônica de Lya Luft, intitulada “Canção das Mulheres”. Apesar de não ser um texto declaradamente pertencente ao que chamamos de autoajuda, essa crônica possui elementos que podem classificá-la como tal, como, por exemplo, a estrutura binária presente em seus períodos, além da clara intenção de dotar o leitor de objetos-valor. O principal deles é a identificação da leitora com aquilo que a autora relata e com a maneira como relata: a procura de autoajuda aumenta se as pessoas identificam nas experiências alheias os mesmos problemas e desafios enfrentados por elas, principalmente se estes “parceiros de estrada” encontraram respostas e soluções que os leitores ainda não conseguiram identificar.

Lembremo-nos que o objetivo principal desse tipo de texto é compartilhar com o leitor uma experiência e um “modo de fazer e ser” que consiga sanar as angústias vivenciadas pelo homem moderno.

No texto de Lya Luft, existe uma representação de mulher que “desabafa” com outras mulheres, exprimindo um desejo comum à maioria delas: o de ser compreendida por aqueles que com elas convivem.

Vejam, abaixo, a crônica:

Que o outro saiba quando estou com medo, e me tome nos braços sem fazer perguntas demais.

Que o outro note quando preciso de silêncio e não vá embora batendo a porta, mas entenda que não o amarei menos porque estou quieta.

Que o outro aceite que me preocupo com ele e não se irrite com minha solicitude, e se ela for excessiva saiba me dizer isso com delicadeza ou bom humor.

Que o outro perceba minha fragilidade e não ria de mim, nem se aproveite disso.

Que se eu faço uma bobagem o outro goste um pouco mais de mim, porque também preciso poder fazer tolices tantas vezes.

Que se estou apenas cansada o outro não pense logo que estou nervosa, ou doente, ou agressiva, nem diga que reclamo demais.

Que o outro sinta quanto me dói a ideia da perda, e ouse ficar comigo um pouco — em lugar de voltar logo à sua vida, não porque lá está a sua verdade mas talvez seu medo ou sua culpa.

Que se começo a chorar sem motivo depois de um dia daqueles, o outro não desconfie logo que é culpa dele, ou que não o amo mais.

Que se estou numa fase ruim o outro seja meu cúmplice, mas sem fazer alarde nem dizendo *“Olha que estou tendo muita paciência com você!”*

Que se me entusiasmo por alguma coisa o outro não a diminua, nem me chame de ingênua, nem queira fechar essa porta necessária que se abre para mim, por mais tola que lhe pareça.

Que quando sem querer eu digo uma coisa bem inadequada diante de mais pessoas, o outro não me exponha nem me ridicularize.

Que quando levanto de madrugada e ando pela casa, o outro não venha logo atrás de mim reclamando: *“Mas que chateação essa sua mania, volta pra cama!”*

Que se eu peço um segundo drinque no restaurante o outro não comente logo: *“Poxa, mais um?”*

Que se eu eventualmente perco a paciência, perco a graça e perco a compostura, o outro ainda assim me ache linda e me admire.

Que o outro — filho, amigo, amante, marido — não me considere sempre disponível, sempre necessariamente compreensiva, mas me aceite quando não estou podendo ser nada disso.

Que, finalmente, o outro entenda que mesmo se às vezes me esforço, não sou, nem devo ser, a mulher-maravilha, mas apenas uma pessoa: vulnerável e forte, incapaz e gloriosa, assustada e audaciosa — uma mulher.

[LUFT, Lya. **Canção das mulheres**]

O Sistema Temático realiza o significado textual, marcando, pela organização que é dada ao texto, sua estratégia argumentativa. “O tema, elemento que o locutor elegeu para introduzir sua fala, é o ponto de partida da mensagem, o elemento escolhido como foco” (DUTRA 2007, p.4302). Em nosso texto, a estrutura inicial dos períodos nos remete à estrutura de uma oração, uma reza. Todos os períodos do texto são iniciados pela conjunção integrante “que”, deixando implícita uma oração principal que poderia começar com “desejo” ou “espero”, ou seja, o “que” estaria introduzindo uma oração subordinada objetiva direta, característica presente nos textos religiosos. Tal uso faz com que esse texto possa ser lido como um mantra, por assim dizer, pelas mulheres que buscam que seus companheiros passem a ter as mesmas atitudes descritas. Temos como tema, na maioria dos períodos, o sintagma nominal “que o outro”, ou seja, um participante.

Podemos inferir ainda que, através do uso de determinadas palavras e expressões, a autora mostra-se do lado da ouvinte, principalmente ao reproduzir alguns comportamentos característicos do gênero feminino.

“O Sistema de Transitividade realiza o significado ideacional, expressa a experiência humana como um processo em que podem intervir participantes ativo (ator) e passivo (meta), e as circunstâncias desse processo”. (DUTRA, 2007, p.4301). Segundo Martins

Há seis tipos de processos, cada um com seus participantes específicos. Há os processos materiais (do fazer e do acontecer) que têm como participantes o ator e a meta; os processos mentais (do sentir, do pensar, do perceber e do querer) têm como participantes o experienciador e o fenômeno; os processos relacionais (do ser e do identificar) têm como participantes portador e atributo e identificado e identificador; os processos comportamentais têm por participante o comportante; os processos verbais (do dizer) têm como participantes o dizente e a verbiagem; e os processos existenciais (do existir) têm como participante o existente. (MARTINS, 2009, p.1347)

Seguidamente do termo “que o outro” percebemos diferentes processos – a maioria mentais - como apontados no quadro abaixo:

Que o outro	Saiba
	Note
	Aceite
	Perceba
	Sinta
	(não me) considere
	Entenda

Notemos que esses processos têm um Ator individualizado no texto – o outro - , mas que acaba por ser generalizado no mundo extralinguístico exatamente pelo termo escolhido poder englobar todos os indivíduos que convivam com a mulher representada no texto.

Os processos mentais lidam com a apreciação do mundo pelo homem. Analisando esse tipo de processo percebemos que crenças e valores são representados no texto. De acordo com Halliday (1976), são os processos do sentir, os quais incluem processos de percepção (ver, ouvir, perceber etc.), de afeição (gostar, amar, agradar etc.) e de cognição (pensar, saber, compreender, perceber, imaginar etc.) Cada um deles aponta para um desejo diferente vindo da autora, que expressam a maneira como o outro deve se comportar em relação às diferentes fases apresentadas pela mulher.

Os processos relacionais estabelecem relações claras entre as entidades e contribuem para classificar e categorizar as entidades envolvidas. Expressa visões particulares de mundo – no caso, a visão de uma mulher imperfeita que deseja a aceitação do outro – e torna-se então, recurso valioso na formação do ponto de vista exposto, influenciando as leitoras, principalmente ao colocar todo o texto em primeira pessoa, o que faz com que locutora e interlocutora tornem-se cúmplices e vejam-se como uma só.

A relação expressa denota intensidade, quando uma qualidade é atribuída a uma entidade, como no caso de “porque estou quieta” ou “se estou apenas cansada” e, na conclusão, em “não sou nem devo ser a mulher-maravilha, mas [sou] apenas uma pessoa: vulnerável e forte, incapaz e gloriosa, assustada e audaciosa: uma mulher.” Notemos aqui que “mulher” passa a ser um atributo que resumiria todas as outras características daquela que fala no texto.

Observemos no quadro abaixo como a utilização da conjunção condicional “se”, seguida dos verbos em primeira pessoa, contribui para a criação do perfil de mulher proposto pela escritora – humana e imperfeita - e para a identificação das leitoras com esse perfil:

Que se	eu faço uma bobagem
	estou apenas cansada
	começo a chorar
	estou numa fase ruim
	eu (...) perco a paciência

Notamos que todas as sentenças indicam atitudes consideradas sintoma de fragilidade, embora sejam atitudes comuns a todos. Fazer uma bobagem, chorar, estar numa fase ruim, perder a paciência, ficar cansada: tudo isso demonstra que essa mulher não é a “mulher maravilha”, como ela mesma afirma ao final de sua crônica.

Por meio de seu discurso, percebe-se que a autora traçou um perfil pré-estabelecido de suas leitoras utilizando para isso características que seriam gerais para todas as mulheres, facilitando, dessa forma, a identificação dessas com os aspectos abordados pelo texto. Essa identificação leva as leitoras a aceitarem, sem questionar, as exigências estabelecidas pela mulher do texto em relação ao outro que com ela convive – todos homens – e faz com que a interlocutora passe a reproduzir ou a mesma fala ou a mesma atitude do modelo de mulher descrita pela crônica.

Há ainda alguns processos verbais, expressos em :

Que se estou numa fase ruim o outro seja meu cúmplice, mas sem fazer alarde nem dizendo “Olha que estou tendo muita paciência com você!”

e também em

Que quando levanto de madrugada e ando pela casa, o outro não venha logo atrás de mim reclamando: “Mas que chateação essa sua mania, volta pra cama!”

Temos, nos dois processos, os seguintes participantes: o Dizente (participante que diz, comunica e aponta algo) seria “o outro”; o Receptor (participante a quem o processo verbal se dirige) seria “a mulher”; e a Verbiagem (aquilo que é dito ou comunicado) é, no primeiro exemplo “olha que estou tendo muita paciência com você!” e, no segundo, “mas que chateação essa sua mania, volta pra cama!”

“O Sistema de Modo realiza o significado interpessoal, expressa as relações entre locutor e interlocutor, marcando a atitude do locutor em relação ao que diz, a representação que faz de si mesmo e a imagem que faz de seu interlocutor”. (DUTRA 2007, p.4302). Em “que, finalmente, o outro entenda”, finalmente funciona como um modalizador, deixando claro para o leitor o posicionamento da autora, levando à conclusão do texto. A locutora assume a posição de mulher imperfeita – e que por isso mesmo precisa de aceitação daqueles que com ela convivem.

Além disso, como deixamos explicitado no Sistema Temático, ao iniciar sua fala com “Que o outro” ou “Que se” percebemos na oração principal um valor modalizador muito forte (espero que...), embora elíptico. É o desejo, a esperança do enunciador de que algo se dê, de que aquilo que ela escreve realmente aconteça, não só com ela, as também com todas as mulheres que estão lendo o texto.

6. CONCLUSÃO

Comunicar-se pode ser entendido como exteriorizar o pensamento, por meio da fala ou da escrita. Essa comunicação pode ser objetiva, de conteúdo puramente intelectual, limitando-se, portanto, à verificação da existência de um fato.

Contudo, na maioria das vezes, é acrescentada à mensagem uma intenção de impressionar ou conquistar o destinatário e, para isso, o emissor explora, consciente ou inconscientemente, diferentes recursos (linguísticos, estilísticos e discursivos) que, em conjunto ou isoladamente, pretendem a persuasão e a adesão de seus interlocutores.

Os textos de autoajuda estão sendo cada dia mais disseminados em nossa sociedade, e a persuasão feita por eles se dá, muitas vezes, de forma bastante sutil. Em alguns momentos é difícil perceber quais as estratégias utilizadas pelos autores para o convencimento de seus leitores. Apenas uma leitura mais atenta dá conta de perceber como esse jogo de sedução do leitor se dá no texto.

De acordo com PIRES,

ao explorar o texto, percebendo como foi trilhado o caminho do autor em direção ao interlocutor por meio das relações linguísticas, o aluno poderá ver, com mais clareza, como se constrói um texto argumentativo e, a partir disso, estar mais consciente das estratégias que ele mesmo utilizará quando for escrever o seu próprio texto. (PIRES, 2011, p.8)

Analisar um texto literário de estrutura argumentativa pelo viés da Linguística Sistêmico-Funcional é fundamental não apenas para que o aluno perceba as nuances do texto, mas também para que ele entenda como as ideias foram organizadas com vistas a persuadir o leitor, transmitindo um ponto de vista, mesmo por meio de argumentos considerados clichês. É interessante também discutir com os alunos se tais estratégias são válidas e o porquê de “funcionarem” tanto nos dias atuais.

Em sala de aula, tais estratégias podem ser discutidas juntamente aos alunos; Entendendo que a argumentação é fator primordial em todas as línguas, um estudo esquematizado pode ser construído em conjunto.

Demonstrar como as escolhas lexicogramaticais influenciam no modo como o texto é organizado e, dessa forma, em como as ideias são transmitidas, fará com que os alunos percebam que é necessário sim conhecer a Gramática Tradicional, mas não apenas isso: é preciso que eles entendam a importância de conhecê-la. Isso irá fazer com que o próprio aluno passe a escolher, de modo mais consciente, a maneira que irá montar seu próprio texto e construir sua argumentação, pois perceberá que, mais do que regras estanques, a gramática se faz presente em seus textos como uma ferramenta imprescindível para a criação de sentidos.

7. REFERÊNCIAS

AGUIAR, André Effgen de. **O discurso de autoajuda em revistas femininas: aspectos retóricos e discursivos**. Vitória, 2009.

ALONSO, Denise Michelin. **A Argumentação em textos de Autoajuda**. Campinas, SP [s.n.], 2010

ANDRADE, Luiz Antonio Caldeira e TAVEIRA, Valdirécia de Rezende. “Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional” (2009) in LIMA, Cássia Helena Pereira (org.). **Incursões Semióticas**. Rio de Janeiro: Livre expressão Ed. 49-55

CUNHA, Maria Angélica Furtado & SOUZA, Maria Medianeira. **Transitividade e seus contexto de uso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DUTRA, Vania **Abordagem funcional da gramática na Escola Básica**. 2007

FREITAS, Paulo Eduardo de. **A crônica: sua trajetória; suas marcas.** Disponível em <http://bibliotecadigital.unec.edu.br/ojs/index.php/unec02/article/viewFile/205/284> acesso em 19 de outubro de 2011.

HALLIDAY, Michael. “Estrutura e função da linguagem” (1976) in LYONS, John. (org.) **Novos horizontes em Linguística.** São Paulo: Cultrix. 135 – 160

LOLI, Rejane. **Persuasão no discurso de autoajuda: uma abordagem sistêmico-funcional.** São Paulo, 2008.

MARTINS, Noara Bolzan. **A linguagem representa: uma análise textual pela perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional.** 2009

OLIVEIRA, Aline Cristina. **Crônica: um gênero menor? indagações acerca do texto lítero-jornalístico,** disponível em <http://www.assis.unesp.br/posgraduacao/letras/mis/coloquio/anais2010/alinecristina.pdf> acessado em 19 de outubro de 2011.

PERELMAN, Chaïn; TYTECA, Lucie O. **Tratado da argumentação: a nova retórica.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PIRES, Elisa Tavares. **A argumentação em sermão da sexagésima: uma análise.** 2011

ROCHA, Regina. **A enunciação dos provérbios: descrições em francês e português.** São Paulo: Annablume, 1995.